


Refazendo os percursos da disciplina bases socioantropológicas da Educação Física

Daniel Pinto Gomesⁱ 

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil

Arlene Stephanie Menezes Pereiraⁱⁱ 

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, Paracuru, CE, Brasil

Joselita da Silva Santiagoⁱⁱⁱ 

Escola de Ensino Infantil e Fundamental Turma da Mônica, Tabuleiro do Norte, CE, Brasil

1

Resumo

O presente relato de experiência apresenta o caminho percorrido por docente e alunos das aulas da disciplina de Bases Socioantropológicas da Educação Física, dos períodos letivos 2014.2 e 2016.2, do curso de Licenciatura em Educação Física do campus Canindé, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE). Destacando os pressupostos teóricos e metodológicos que perpassaram a formação dos discentes (futuros professores) de Educação Física nos devidos anos e discorrendo sobre as dinâmicas e tensões do processo de ensino e aprendizagem. Objetivando proporcionar uma ampliação da visão e reflexão sobre a prática pedagógica da referida disciplina. Assim, notadamente na primeira turma uma maior ênfase foi dada ao universo cultural envolvido nas atividades lúdicas e do exercício físico. Já na segunda turma o professor buscou equilibrar, durante o semestre, a afinidade entre o debate sociológico e antropológico, no entanto é possível constatar que o tempo dedicado a esta disciplina ainda é diminuto.

Palavras-chave: Formação de professores. Educação Física. Bases Socioantropológicas.

Redoing the pathways of the discipline socio-anthropological bases of Physical Education

Abstract

This experience report presents the path taken by teachers and students in the Socio-Anthropological Bases of Physical Education classes, from the 2014.2 and 2016.2 academic periods, from the Physical Education Degree course at the Canindé campus, from the Federal Institute of Education, Science and Technology of Ceará (IFCE). Highlighting the theoretical and methodological assumptions that permeated the training of students (future teachers) of Physical Education in due years and discussing the dynamics and tensions of the teaching and learning process. Aiming to provide a broader view and reflection on the pedagogical practice of that discipline. Thus, notably in the first class, greater emphasis was given to the cultural universe involved in recreational activities and physical exercise. In the second class, the teacher tried to balance, during the semester, the affinity between the sociological and anthropological debate, however it is possible to verify that the time dedicated to this discipline is still small.

Keywords: Teacher training. Physical Education. Socioanthropological Bases.

1 Introdução

Nos cursos de formação em Educação Física (EF) grande ênfase é dada aos aspectos biológicos e funcionais do corpo humano, contudo, algumas abordagens que visam à compreensão social e cultural desse campo ganharam fôlego nos últimos anos pela elaboração de textos acadêmicos.

Boa parte dos mesmos são produtos das vivências em salas de aulas, onde o ensino e a aprendizagem ocorrem de forma literal. Cultura, corpo, técnicas, gênero, raça, etnia e classe, são temas emergentes na EF. Essas categorias analíticas aquiescem o trato didático e pedagógico da área, tanto na Educação Básica como no Ensino Superior.

Portanto, objetivamos relatar o contexto das aulas da disciplina de Bases Socioantropológicas da Educação de Física (BSAEF) no Curso de Licenciatura em Educação Física (CLEF) do campus Canindé, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) com foco na análise sobre as estratégias teórico metodológicas utilizadas na referida disciplina.

Apresentaremos o passo a passo que norteou o percurso da disciplina, nos períodos letivos 2014.2 e 2016.2, no entanto, destacando a base de análise que cada escolha permitia costurar ao perpassar o ensino e a aprendizagem junto aos alunos do CLEF, sem, com isso, pretender determinar qualquer lógica formal para o trabalho docente na matéria.

Utilizamos como fontes primárias de dados o diário de classe, o diário de campo do professor, os materiais distribuídos nas aulas, os trabalhos avaliativos da disciplina e ainda a observação participante.

Portanto nos tópicos a seguir abordamos sobre os métodos para a realização, bem como os relatos de experiência diante dos dados coletados.

2 Metodologia

No que diz respeito aos aspectos metodológicos, esclarecemos que este ensaio consiste em um relato de experiência, ou seja, a descrição de fato vivenciado.

Ademais, para a coleta de dados utilizamos primordialmente o diário de campo do professor, uma ferramenta que permite o registro de como o meio nos afeta quase que no momento, nos possibilitando expressar nossas primeiras expressões e percepções acerca dos fatos (RIBEIRO *et al.*, 2016).

Além disso, foram utilizadas como fontes primárias de dados o diário de classe professor, os materiais distribuídos nas aulas, os trabalhos avaliativos da disciplina e ainda a observação participante.

A maioria dos alunos do CLEF é recém-egresso dos cursos de Ensino Médio regular. No município de Canindé há três instituições de ensino superior que ofertam o curso de Educação Física, dentre elas apenas uma é instituição pública, e apenas um dos cursos é em regime de Educação à Distância (EAD).

3

3 Relato de experiência

Turma resistência

O nome desta seção é em homenagem a turma Resistência, do período de 2014.2. Nas primeiras aulas, após alguns acertos em relação aos seminários e avaliações que perpassariam a disciplina, desenvolvemos expositivamente o argumento sobre como o percurso metodológico e teórico escolhido por alguns autores os qualificam no universo da escrita antropológica. Heródoto, Montaigne, Franz Boas, Malinowski, Mauss, Lévy-Strauss e Geertz, foram então apresentados introdutoriamente, com a ilustração de algumas informações das obras de cada autor e de como abordavam temas como a alteridade, a cultura, o corpo, a natureza, a história, as trocas de informação, o parentesco, o símbolo e o conhecimento sobre si mesmo.

A turma estava em descoberta e o professor também. Em levantamento realizado no início das aulas nenhum aluno afirmou conhecer o termo antropologia, o que nos faz pensar sobre os limites impostos ao tema durante a Educação Básica. Tecidas algumas considerações iniciais quisemos provocar na segunda atividade um exercício reflexivo, este que Brandenburg, Pereira e Fialho (2019) nos dizem que

acontece quando os docentes não se limitaram apenas em dizer “o que havia sido positivo em sua prática, mas refletiram e discorreram sobre práticas que podem ser reelaboradas, como parte do processo da reflexão sobre a ação” (p. 13).

Assim, a dinâmica envolveu aquilo que Oliveira (1998) chamou de “encontro etnográfico”, apresentando a “observação participante” e a “relativização” como pressupostos básicos da Antropologia.

4 Ao assistirmos o filme Hans Staden, tínhamos a alteridade como ponto central para a discussão. O personagem principal, que dá nome ao filme, é mantido sob cárcere nos ditames de um ritual antropofágico. Os diálogos entre o prisioneiro e os membros do grupo Tupinambá, ao qual o primeiro está sob domínio, configuram-se em troca de sentidos que podem ser relacionados à noção de dádiva, desenvolvida por Mauss (1974); sobre a qual Hans Staden de um lado ancora-se para preservar sua vida e do outro os Tupinambá acreditam absorver as forças do inimigo ao digerir-lo.

O cacique do grupo cai enfermo e Hans Staden atribui a doença ao poder de Deus, que estaria irritado com a condição do prisioneiro. Staden reza ritualisticamente, adorando uma cruz de madeira construída por ele. A cura repentina do doente é atribuída a benevolência do deus cristão, protelando o sacrifício do personagem. Ao final, Staden consegue fugir do banquete, em que o mesmo se configurava como prato principal. Temas como sexo, etnia, colonização, rituais, estão entre as fontes inesgotáveis de análise deste filme, que gerou bastante interesse por parte da turma.

Nas aulas seguintes trabalhamos o livro Antropologia e Educação, de Rocha & Tosta (2009), estava na responsabilidade dos subgrupos de alunos conduzir a discussão em sala de aula. Muitos deles tinham dúvidas sobre o conteúdo dos textos, procurando o professor em horários extras para superar as dificuldades. Apesar do esforço de toda a turma, as apresentações deixavam escapar pontos cruciais do debate tocado pelo livro, ao passo que fomos coletivamente aproveitando mais as relações de proximidade dos escritos com exemplos que os sujeitos narravam de seu cotidiano.

A obra, de caráter geral, faz menção a inúmeros conceitos e metodologias que para o leitor iniciante neste campo não deixam muitas pistas concretas sobre o

fazer antropológico. Pouco fica esclarecido sobre o tratamento dos dados empíricos nesse tipo de pesquisa. A priori, o rigor na condução das disciplinas que perpassam a formação docente está em processo de amadurecimento, o que justifica em parte a escolha da obra.

Peirano (2006) ressalta que, para aprender Antropologia é necessário ler as monografias, que em sua maioria são defesas de etnografias clássicas, onde se revelam os contextos nos quais emergiram conceitos e metodologias empregadas por cada autor. Para a autora, o mais adequado seria falarmos em Antropologias, no plural. Um fato sobre o qual nos ressentimos nas experiências divulgadas até aqui, recaem sobre a falta de exercício da escrita, junto aos alunos.

Após o seminário de discussão dos textos, assistimos o documentário *O povo brasileiro*, de Darcy Ribeiro. Dividimos o documentário em duas sessões, mas pouco tivemos tempo para os debates. Com a propositura de uma visita técnica e a confirmação da aceitação do projeto, logo tivemos que organizar todo o grupo para a próxima atividade. A turma teve o privilégio de, ainda naquele ano, o orçamento da educação pública permitir a utilização do ônibus da instituição e contar com alguma ajuda de custo para as visitas técnicas.

A importância atribuída pelos alunos e professores na realização deste tipo de atividade durante formação acadêmica é uníssona. “*Nessas visitas se aprende o que não aprendemos num semestre inteiro*”¹. Infelizmente, outras turmas não tiveram a mesma sorte. Posto que desde o ano de 2016 a educação pública brasileira tem sofrido cortes em torno de 40% de seu orçamento. Os poucos recursos estão limitados as atividades geridas em instâncias coletivas, por vezes, desestimulando a oferta de uma maior diversidade de práticas formativas.

Para Lévy-Strauss (2001), ensinar Antropologia deveria ser reservado as testemunhas. A experiência em campo torna o aprendizado de certa forma palpável, impondo-se uma necessidade de vivenciar o campo, com todo o potencial etnográfico do encontro com o outro.

¹ Relato de estudante.

No final de fevereiro de 2015 partimos de Canindé para o município de Itarema-CE, no distrito de Almofala, com um grupo de 23 alunos, 2 professores e o motorista da instituição. Os alunos foram distribuídos em grupos de 3 ou 4 pessoas e alojados em casas de famílias pertencentes ao povo indígena Tremembé, nas comunidades Praia, Panã, Lameirão, Barro Vermelho, Passagem Rasa e Varjota.

Fomos recebidos na Escola Diferenciada Maria Venância, na comunidade da Praia e de lá, cada subgrupo destacou-se para as localidades circunvizinhas. Os alunos conviveram entre as famílias indígenas por três dias, com o objetivo de identificar e caracterizar as comunidades e as manifestações da cultura local. Ao final do terceiro dia realizamos uma roda de conversa, onde contamos com a participação de lideranças. O diálogo girou em torno da grilagem de terra, do processo de marcação da terra Tremembé, o conflito de interesses com a indústria do coco, da energia eólica e com a administração pública a níveis municipal, estadual e federal.

Também, foram ressaltados aspectos ligados ao cultivo da lavoura, principalmente no plantio da mandioca, as ações em torno da cooperativa de pescadores e de artesãos, sobre o trabalho dos professores nas escolas indígenas, e sobre o projeto ligado a criação de aves. Não faltaram narrativas relacionando a “força” da cultura Tremembé aos encantados que protegem o mangue, o rio e as florestas.

No retorno das atividades em Canindé, os alunos apresentaram resultados dos estudos que promoveram durante os dias de estadia entre os Tremembé. As relações de parentesco entre os moradores das comunidades e a base da alimentação ligada a mandioca e ao peixe perpassaram o registro de todos os grupos.

Identificou-se que a exploração do amplo espaço geográfico da região está associada a diversificação da cultura Tremembé, com destaque para a pesca no grupo que ficou na residência de Zé Cará, o artesanato e as narrativas sobre os encantados na casa de Luís Caboclo, o trabalho na lavoura na morada de Zé Domingos e a vasta rede de parentesco na família de Dijé (irmã do cacique e liderança indígena) e João Venâncio (cacique). Foram ainda ressaltadas as pinturas corporais e a ingestão do *mocororó*².

² Bebida nativa obtida através da fermentação do caju (PEREIRA, 2020).

Nas narrativas sobre esses encontros etnográficos, foi bastante incisiva a preocupação dos alunos em demarcar as diferenças entre os costumes dos nativos e seus próprios costumes. Comer sentado no chão, distribuir o excedente da colheita na lavoura e/ou da pesca aos demais membros da comunidade, ir ao culto protestante nas localidades, foram alguns dos momentos vividos pelos estudantes na busca de familiarizar-se com o exótico.

7

Foram muitos os relatos que se voltaram para o estranhamento de si, fato que Da Matta (1978) registra como um dos pressupostos da antropologia. Os alunos refletiam sobre o imaginário que guardavam a respeito dos Tremembé, antes de conhecerem um pouco mais afundo alguns deles, fazendo-os perceber após a visita que havia muitas semelhanças com a vida nas comunidades rurais do município de Canindé.

A penúltima atividade da disciplina, mas que já vinha sendo organizada desde o início do semestre nos pequenos espaços de tempo durante as aulas e, ainda, através do acompanhamento extrassala de aula, por e-mail e redes sociais, era um relatório que reunia informações a respeito de uma pesquisa de campo que teve de ser realizada junto a algum grupo cultural da cidade de Canindé. Os grupos deveriam estar relacionados de algum modo ao conteúdo da EF, preconizados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997), e estarem em plena atividade no município.

Daremos destaque a dois dos relatórios. O primeiro envolvendo praticantes de jiu-jitsu traz um levantamento dos nomes e a descrição, com fotos de posições dos golpes utilizados na luta. Além disso, apresenta com detalhes as normas envolvidas nos processos de graduação de faixa, envolvendo 19 etapas até o último grau de mestre. Ainda, é realizada uma espécie de linhagem dos atuais participantes da equipe de jiu-jitsu relacionados aos antigos mestres e equipes que compõe este campo no Ceará, com a demonstração do fortalecimento de vínculos intermunicipais.

O segundo relatório apresenta os resultados da experiência dos alunos juntamente a skatistas que frequentam a pista da Praça da Melada, em Canindé. A

preocupação com a difusão histórica do skate a nível mundial, nacional e estadual, a caracterização dos espaços, vestimentas e equipamentos utilizados na prática, os nomes e descrição de manobras realizadas pelos skatistas estão entre os dados gerais. Também, fizeram registro da rotina semanal na praça, delimitando os horários de maior fluxo de praticantes na pista. Esta equipe destacou-se na montagem de um minidocumentário visual, de sete minutos, envolvendo trechos de narrativas dos skatistas, tomando duas perguntas como fio condutor do vídeo: o que motiva e o que desmotiva os skatistas em sua prática? Interessante como as respostas dos skatistas sobre como eles se veem e sobre como eles percebem que a sociedade os vê, oferecem pontos de vista, às vezes, contraditórios sobre uma mesma realidade. Perguntados sobre o que lhes motiva, tivemos: *“alcançar meus objetivos”, “sair da marginalização”, “faz bem para a saúde”, “não gosto de ficar em casa”, “meu divertimento”*. Perguntados sobre o que lhes desmotivam, tivemos: *“somos marginalizados”, “não temos apoio dos governantes”, “não temos mais a associação”, “falta de manutenção nos espaços e equipamentos”*.

Contrariamente as características estruturalistas que salientam o relatório do primeiro grupo, pouco abriu espaço para a subjetividade dos sujeitos, o segundo trabalho assume notoriamente um apelo interpretativo. No entanto, pouco foram problematizadas as categorias de análise que perpassaram todo o curso da disciplina, assim como, os textos indicados na bibliografia da disciplina não foram mencionados nos trabalhos.

Em nosso último dia de aula realizamos outra visita técnica, agora ao Museu do Ceará, pela manhã e no fim da tarde entrando pela noite ao Museu da Cultura Cearense e o Museu de Arte Contemporânea (MAC), no Centro Cultural Dragão do Mar, na cidade de Fortaleza-CE. Havia em cartaz, à época, uma exposição no MAC, intitulada Corpo e Imagem, pautado nisso tínhamos como problematização a construção da corporeidade cearense ao longo da história. Neste lance, pudemos perceber das coleções de museu os aspectos ligados a escravidão, ao messianismo, aos rituais fúnebres, ao coronelismo, a vida sertaneja e ainda as novas formas de expressão dos sentimentos através da arte abstrata.

A turma 2016.2

As aulas foram iniciadas na disciplina de BSAEF, no período 2016.2, com uma notícia não muito positiva: estava acirrada a luta do Governo Federal para reduzir os custos da máquina pública, afetando diretamente o IFCE *campus* Canindé. Não havia transporte para visitas técnicas fora dos limites do município, salvo aquelas previamente acordadas em reuniões de colegiado e com teto de gasto abaixo da realidade anual, a qual desde o início da década estava em vigor. A ajuda de custo para alunos sofreu cortes de diversas magnitudes afetando desde a promoção de bolsas de pesquisa e de monitoria, até as políticas de permanência voltadas para os alunos de baixa renda, além dos auxílios para moradores de outros municípios. A maior parte do transporte diário desses alunos é feita via verbas municipais, com o transporte próprio da instituição sendo mais utilizado em atividades burocráticas e de assistência a variados tipos de eventos acadêmicos. O campus está localizado a 7 quilômetros do centro da cidade e diariamente há um gasto individual com deslocamento. Muitos dos alunos vindos de outros municípios, ou de distritos distantes da sede, passam o dia inteiro na instituição, no aguardo da locomoção para voltar aos seus lares.

O problema com um menor tempo de aula no turno da noite (Turma Resistência) é relativamente solucionado quando estamos numa turma da tarde, como tivemos no período 2016.2. Ou da manhã, se outra fosse. Realizamos algumas aulas para discutir a teoria e o método desenvolvido por Marx, Durkheim e Weber, nos livros Trabalho assalariado e capital, As regras do método sociológico e A ética protestante e o espírito do capitalismo, respectivamente. Com o auxílio de slides, que continham as premissas básicas dos textos, o professor registrou oralmente informações do contexto sociocultural no qual foram escritas as obras. Seguida a apresentação das informações básicas, a turma era então indagada sobre como poderiam articular o trabalho dos autores ao campo da educação hoje.

Marx logo foi relacionado aos movimentos de ocupações de escolas e universidades pelo país, realizadas por estudantes secundaristas como forma de

protesto contra a “reforma” na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Ao todo tivemos 4 horas/aulas de discussão para cada um dos autores.

Noutro dia quando dialogamos sobre Weber poupamos tempo para a proposição de um trabalho escrito, sobre a relação entre professores e alunos. Sobre como os estudantes percebiam esta relação que sentidos atribuíam à mesma. Estávamos atentos na tipologia da ação social e da dominação legítima, de Weber, daí sendo gerida tal proposta de reflexão.

Muitos dos textos dos alunos falam sobre o professor como um espelho, sobre o qual se projetam significados e sentidos da vida regressa destes profissionais, que por esta via servem de parâmetros de auxílio aos mesmos nas decisões sobre sua própria vida.

O convívio no âmbito da educação escolar oferece uma grande proximidade do aluno com a profissão docente, lugar onde muitos recém-egressos do Ensino Médio almejam o ingresso nos cursos de licenciatura. Afetos e desafetos marcam a relação entre professores e alunos. Nos textos são expostas chantagens, conflitos sobre notas e sobre outros interesses, preferências metodológicas, incluindo críticas aos modelos de avaliação, e, ainda, a denúncia da exposição e ridicularização no ambiente coletivo, mas o que tudo isso expõe são diferentes pontos de vista sobre ambos os lados.

Há muitos professores que buscam o aluno, que se preocupam com ele, para além das notas, dizem os textos a nós escritos. A maioria dos posicionamentos de valorização positiva dos professores envolvem aspectos, como repassar confiança, ser alegres, espontâneos, acolhedores, terem sede de justiça, profunda vontade pela liberdade e amplo senso crítico. São, ainda, aos educadores delegados os deveres que visem a transformação do mundo. A rigor muitos alunos aguardam emoção em sala de aulas. É o que nos apontam os relatos.

Da relação entre professores e alunos devem surgir discussões que deem a devida atenção aos temas sociais e culturais contemporâneos. Dado que os educandos reconhecem a contribuição do professor no seu desenvolvimento intelectual, psicológico e de formação social para o exercício da cidadania. Os limites

humanos dos professores são percebidos pelos alunos da graduação, principalmente, sobre as questões de fundo social, que envolvem os maiores conflitos de interesses.

No ensino superior as técnicas utilizadas no magistério, a organização didática e pedagógica, a escolha dos temas e conteúdo das aulas, a preocupação com a temporalidade da aprendizagem, os modos de se portar perante os dilemas da sociedade, as experiências de aprendizagem proporcionadas, são todas elegidas como importantes tensões a serem observadas da relação entre professores e alunos. As escritas foram reveladoras, apontando o grande potencial reflexivo de nossos alunos quando de antemão se utilizam de uma bagagem antropológica e sociológica como lente de aumento.

No segundo momento da primeira etapa do semestre 2016.2 o livro *Sociologia Crítica do Esporte*, de Bracht (2005), foi utilizado como base da proposta de divisão das equipes e temas, distribuídos no primeiro dia de aula, para realização de um seminário. A história do conceito social de esporte, a gênese do esporte moderno, perpassando a compreensão dos efeitos do capitalismo sobre as práticas lúdicas e do exercício físico desde o final do século XVIII são discutidos no livro.

A crítica ao esporte de orientação frankfurtiana, que teve como aportes as teses da coisificação ou alienação e a tese da repressão e manipulação, desenvolvidas por Marcuse, Adorno, Horkheimer e Habermas, também, estão analisadas na obra. Corpo, disciplina e poder perpassam a abordagem sociológica do esporte, desenvolvida por Bracht, utilizando-se do aporte teórico desenvolvido por Foucault e Bourdieu. A relação entre cultura, dominação e desigualdades sociais compõe a perspectiva sociológica proposta por Bracht. Complementaram, também, as análises do seminário, o marxismo ortodoxo e a tese da reprodução da força de trabalho no universo esportivo. As apresentações dos conteúdos dos textos foram bastante objetivas e sistemáticas, o que não reduziu as discussões que se sucederam ao longo dos encontros. Os grupos entregaram cada qual uma resenha acerca do tema desenvolvido.

Com o início da segunda etapa do semestre letivo 2016.2, foi retomada a lógica prevalecente quando a disciplina havia sido ofertada para a turma Resistência. A base que o professor havia desenvolvido sobre os autores considerados clássicos

na Antropologia, as conjugações teóricas que esses estudiosos extraíram de seus trabalhos em campo, foram, então, reestabelecidas como fio condutor da disciplina.

Após esse momento introdutório organizamos um segundo seminário, desta vez, para conhecer as ideias de estudiosos da EF, que de um modo ou outro haviam trabalhado com categorias analíticas da Antropologia.

Buscando o diálogo direto entre EF e a Antropologia, Daolio desde a década de 1990 construiu muitos trabalhos. Mas não passou sem as críticas advindas de Moura e Lovisolo (2008). Os autores apontam como erros de Daolio: Falta de contextualização dos conceitos extraídos da Antropologia; Compelir ao ostracismo alguns movimentos históricos da EF; Elaborar rótulos com pouco embasamento; Realizar etnocentrismo cultural; Criar oposição falsa entre natureza e cultura; Generalizar com base em poucas evidências empíricas; Ser contraditório; Desconhecer o aspecto cultural do conhecimento sobre a Biologia.

Pensamos que Moura e Lovisolo deixaram-se cair no que Stocking Júnior (2004) chama de presenteísmo, quando imbuídos de investigar a história desconsideramos o contexto sobre os quais se desenvolvem os fatos. Cabe compreender os contextos muito mais do que as causas e, além disso, não infringir o julgamento do presente aos fatos do passado, de tal modo que o aspecto processual, relativista e não evolucionista possa ser empregado na compreensão da cultura.

É o que Daolio (2009) intenta fazer em resposta aos seus críticos. Ora, não há uma única Antropologia, nem muito menos um consenso no campo da EF. O autor diz que a tarefa da descrição densa que ele não teve condições de realizar, tem feito em conjunto com seus orientandos, lamentando também o fato de seus críticos terem se debruçado em poucos dos seus textos, analisando exclusivamente aqueles publicados no início de sua trajetória. Os dois artigos que tornam público o enredo dessa disputa de posições em torno do campo foram base dos primeiros encontros de seminários.

Outra contribuição para a EF discutida no seminário foi desenvolvida por Neira e Nunes (2014), tendo como base de discussão teórica a Antropologia clássica, os Estudos Culturais e o Multiculturalismo Crítico. Os autores problematizam a cultura escolar e a da escola, o currículo em EF escolar, a cultura corporal e o método de

13

ensino em EF. A cultura corporal composta pelos jogos, as lutas, as ginásticas, os esportes e as danças, é erigida como objeto de conhecimento da EF. Eles destacam que não pretendem com este trabalho apontar o caminho que a EF deveria seguir, nem identificar os objetivos que deveriam ser alcançados pela disciplina no âmbito escolar e tampouco demonstrar como se faz. Trata-se mais de uma reflexão através da experiência construída em pesquisas de campo sobre o ensino de EF, relatam os autores.

Ao final da segunda etapa ocorreu a apresentação e entrega de trabalhos escritos através de uma pesquisa de campo. Destacamos dois relatórios, o primeiro envolve o futebol suburbano na cidade de Caridade-CE e o segundo um time de futebol de salão composto exclusivamente por mulheres na cidade de Canindé. O relatório sobre um time/encontro de militares para a prática do futebol traz levantamentos sobre a memória do grupo, a questão da hierarquia na organização das atividades, com algumas poucas pessoas assumindo a responsabilidade pela comunicação dos participantes e o levantamento de recursos para a utilização do campo de futebol.

A descrição das regras do jogo, a identificação das principais formas de ensino e aprendizagem informais envolvendo o futebol e a atenção dada aos nomes regionais sobre determinadas técnicas e situações do jogo, nos convida a reflexão. Também, o registro da presença de diferentes tipos de xingamentos entre os jogadores. No que diz respeito ao time de futebol feminino, uma grande quantidade de fotos é situada na cronologia da memória do grupo. Uma escola estadual é identificada como ponto de referência para o encontro das participantes da equipe. São analisadas algumas táticas do futebol e descritas às dificuldades de conseguirem apoio financeiro.

4 Considerações finais

Refazer o caminho das aulas da disciplina de BSAEF remontam a diversidade de estratégias teóricas e metodológicas que impõe aos alunos e professores o permanente exercício da reflexão na formação docente. De um período a outro,

logicamente, a depender dos recursos que se dispõe, mas também devido à autoavaliação das atividades de semestres anteriores, as escolhas são outras. Neste percalço, a motivação dos envolvidos encontra-se sobre constantes altos e baixos, com a sensação de dever cumprido numa hora, mas que diante das condições atuais, noutras oportunidades, o sentimento de que ainda nada foi feito.

Notadamente na primeira turma uma maior ênfase foi dada ao universo cultural envolvido nas atividades lúdicas e do exercício físico. E sobre as quais é preciso que se construa, no trabalho em EF, uma perspectiva mais madura sobre as questões teóricas e metodológicas advindas da Antropologia.

Já na segunda turma o professor buscou equilibrar, durante o semestre, a afinidade entre o debate sociológico e antropológico colocado por autores consagrados nesses dois grandes campos do conhecimento. Além disso, buscou aproximar os estudantes dos estudiosos que produzem no campo da EF através da abordagem sociológica e antropológica.

Muitos problemas ainda persistem no debate que a EF brasileira tem posto no campo sociológico e antropológico de sua intervenção pedagógica. Nas disputas curriculares postas nos textos acadêmicos e nas reuniões de colegiado e núcleo docente estruturante, na concepção geral do perfil dos egressos dos cursos de EF, na formatação dos projetos político pedagógicos dos cursos, na organização do campo de atuação dos trabalhadores da EF e no universo da produção científica neste campo, muitas vezes, a fragmentação do saber e o endorreferenciamento demarcam negativamente a diversidade do construto científico da EF.

A carga horária reservada a disciplina da qual estamos tecendo algumas considerações neste trabalho é pequena diante de outras perspectivas apontadas na formação de professores de EF. Além das ciências humanas e sociais, as ciências biológicas e naturais compõem uma boa parte do currículo destes profissionais.

Uma maior proximidade com os autores e conceitos advindos da Antropologia e da Sociologia requer rigor e amadurecimento, o que não se consegue tão rapidamente no âmbito de uma disciplina, ou mesmo de um curso mais prolongado.

Reconhecemos que outras disciplinas do curso mantêm proximidade com perspectivas humanas e sociológicas, no entanto convém lembrar que merecemos,

ainda, na Educação Básica e nas pós-graduações uma melhor qualidade no trato deste rol pedagógico com os alunos.

Um maior exercício da reflexão sobre si e o outro, bem como, o exercício de compreensão dos conceitos e metodologias empregados em obras consagradas, mantendo-se o diálogo com diferentes campos do conhecimento, podem ser enumeradas como sugestões para a docência de BSAEF em turmas futuras.

Referências

BRACHT, Valter. **Sociologia crítica do esporte: uma introdução**. 3. ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005. – (Coleção Educação Física).

BRANDENBURG, Cristine; PEREIRA, Arliene Stephanie Menezes; FIALHO, Lia Machado Fiuza. Práticas reflexivas do professor reflexivo: experiências metodológicas entre duas docentes do ensino superior. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 1, n. 2, p. 1-16, 2019. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3527>. Acesso em: 25 mar. 2021.

BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Contagem Populacional**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/v4/brasil/ce/caninde/panorama>. Acesso em: 07 set. 2017.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

DA MATTA, Roberto. O ofício de etnólogo, ou como ter ‘anthropological blues’. In: NUNES, E. O. (Org.) **A aventura sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

DAOLIO, Jocimar. Antropologia, cultura e Educação Física escolar: considerações a respeito do artigo de Moura e Lovisolo. **Rev. Bras. Ciências do Esporte**, Campinas, v. 31, n. 1, p. 179-192, setembro, 2009. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/642/399>. Acesso em: 02 abr. 2020.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Martin Claret, 2005.

LÉVY-STRAUSS, Claude. **Tristes trópicos**. 4 reimpressão. São Paulo, SP: Companhia das letras, 2001.

MARX, Karl. **Trabalho Assalariado e Capital**. 4 ed., São Paulo: Global, 1987.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In. MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. Vol. II. São Paulo, SP: EPU/ EDUSP, 1974

MOURA, Diego Luz.; LOVISOLO, Hugo Rodolfo. Antropologia, cultura e Educação Física escolar. **Rev. Bras. Ciências do Esporte**, Campinas, v. 29, n. 3, p. 137-153, maio, 2008. Disponível em:
<http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/215/218>. Acesso em: 20 abr. 2020.

NEIRA, Marcos Garcia; FERRARI, Mario Luiz. **Pedagogia da cultura corporal: crítica e alternativas**. 2. ed. São Paulo, SP: Phorte, 2014.

OLIVEIRA, Roberto Carlos de. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In. OLIVEIRA, Roberto Carlos de. **O trabalho do antropólogo**. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora UNESP, 1998.

PEIRANO, Mariza. Um ponto de vista sobre o ensino da Antropologia. In. Grossi, Miriam P. et al. **Ensino de Antropologia no Brasil: Formação, práticas disciplinares e além-fronteiras**. Blumenau, SC: Nova Letra, 2006.

PEREIRA, Arliene Stephanie Menezes. **Aninhá vaguretê: corpo e simbologia no ritual do Torém dos índios Tremembé**. 1. ed. – Curitiba: Appris, 2020.

RIBEIRO, Diana Montenegro et al. Pesquisando com professores: a Centralidade do diário de campo e da restituição em uma pesquisa-intervenção. **Revista de Psicologia**, Fortaleza, v.7 n.1, p. 81-93, jan./jun. 2016. Disponível em:
http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/21208/1/2016_art_dmribeiro.pdf. Acesso em: 14 maio 2020.

ROCHA, Gilmar; TOSTA, Sandra Pereira. **Antropologia e Educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. – (Coleção Temas e Educação; 10).

STOCKING JÚNIOR, George W. Introdução: os pressupostos básicos da antropologia de Boas. In. BOAS, Franz. **A formação da antropologia americana, 1883-1911**. Contraponto: Editora UFRJ. Rio de Janeiro- RJ, 2004.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

ⁱ **Daniel Pinto Gomes Arliene**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0256-9746>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará

Mestre e Doutorando em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Membro do Grupo de Pesquisa Antropologia da Educação superior, políticas educacionais e escola. Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - campus Fortaleza.

Contribuição de autoria: Desenvolvimento principal da escrita

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3559945361524845>

E-mail: danielpintogomes@hotmail.com

ⁱⁱ **Arliene Stephanie Menezes Pereira**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3042-538X>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará

Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Educação pela Universidade Estadual do Ceará-UECE, Mestra em Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE).

Contribuição de autoria: Autora orientou o estudo e desenvolveu a escrita

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6058632073001777>

E-mail: stephanie_ce@hotmail.com

ⁱⁱⁱ **Joselita da Silva Santiago**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7019-6462>

Escola de Ensino Infantil e Fundamental Turma da Mônica

Pós-graduada em Ensino de Educação Física Escolar pela Faculdade Venda Nova do Imigrante, Graduada em Licenciatura em Educação Física pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, Professora na Escola Turma da Mônica.

Contribuição de autoria: Autora desenvolveu o estudo e sua escrita.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6048999471651458>

E-mail: josysantiago3006@gmail.com

Editora responsável: Karla Colares Vasconcelos

Como citar este artigo (ABNT):

GOMES, Daniel Pinto; PEREIRA, Arliene Stephanie Menezes; SANTIAGO, Joselita da Silva. Refazendo os percursos da disciplina bases socioantropológicas da Educação Física. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 2, n. 2, 2021.